

Linguagem, alteridade e contemporaneidade: que suportes para subjetivações da pandemia?

Linguagem, alteridade e contemporaneidade: que suportes para subjetivações da pandemia?

Carina de Mello Souza dos Santos, Marcus André Vieira

Resumo

Este artigo é fruto de um estudo teórico acerca dos processos de subjetivação presentificados no cenário contemporâneo, sob os vieses da psicanálise e da filosofia. Partimos de considerações sobre o estatuto atual do Outro – noção lacaniana referente ao lugar da linguagem, portador de um aspecto de alteridade – para pensar modos pelos quais este lugar pôde suportar subjetivações quanto à incidência do novo coronavírus no meio social. Entendemos que o movimento de colonização dos corpos na contemporaneidade, descrito pelo filósofo Mbembe (2018), fomenta a conjuntura de exclusão da alteridade, promovendo a emergência de mecanismos paranoides no âmbito social ao serem propulsionados sentidos fixos e imediatos perante o campo da diferença. Isto promove a paralisação de ressignificações e o tensionamento de conflitos socialmente, ao que buscamos apontar a necessidade de reintroduzir o âmbito da alteridade no lugar da linguagem, a fim de deslocar questões e promover vias de contorno do não-sentido coletivamente.

Palavras-chave

Linguagem, sujeito, pandemia.

Abstract

This article is the result of a theoretical study about the subjectification processes present in the contemporary scenario, under the perspectives of psychoanalysis and philosophy. We started from considerations about the current status of the Other – Lacan's notion regarding the place of language, which contains an alterity's aspect – to think about ways in which this place could support subjectivities regarding the new coronavirus's incidence in the social environment. We understand that the movement of bodies' colonization in contemporaneity, described by the philosopher Mbembe (2018), fosters the conjuncture of alterity's exclusion, promoting the emergence of paranoid mechanisms in the social sphere when propelled fixed and immediate meanings before the field of difference. This promotes the paralysis of reframings and the tensioning of conflicts socially. We seek to point out the need to reintroduce the alterity's scope in the language's field to displace issues and promote ways of bypassing the non-sense collectively.

Keywords

Language, subject, pandemic.

Carina de Mello Souza dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Psicóloga formada pela Universidade Federal Fluminense Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente, é mestranda em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

carinasantospsi@gmail.com

Marcus André Vieira

PUC - RIO

Doutor em Psicanálise, Université de Paris VIII. Professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

mav@litura.com.br

Introdução

O conceito de Outro, na obra lacaniana, refere-se ao lugar dos significantes no qual o sujeito se constitui e teve sua emergência a partir da aproximação entre a noção freudiana de inconsciente e a estrutura linguística saussureana, sendo o âmbito da linguagem considerado como inerente ao funcionamento do inconsciente (LACAN, 1957-58/1999). Tal conceito comporta um aspecto de alteridade radical referente aos processos de constituição subjetiva, o qual se apresenta como um ponto irreduzível à significação e advém da incidência da linguagem sobre o ser. Tal incidência acarreta a instância “real” da existência, inapreensível ao âmbito significante (LACAN, 1958-59/2002). Trata-se de uma instância que permite entrever a impossibilidade de completude de significação da vida e do ser falante, o qual responde por modos de existência particulares diante disso.

O confronto com o aspecto de alteridade concernente ao encontro com o lugar do Outro constitui o cerne mesmo daquilo que nos possibilita advir como sujeito, como veremos. A fim de construir respostas diante desse aspecto, o ser falante, a partir de uma estrutura discursiva, atribui um modo de uso particular à linguagem que o direciona a subjetivações da realidade em sentidos específicos e deslocáveis (LACAN, 1969-70/1992). Acerca disto, em tempos recentes, autores do campo da filosofia e da psicanálise (MBEMBE, 2018; VIEIRA, 2019, 2020; DUNKER, 2020) indicam a presença, em meio social, de modos de subjetivação marcados por traços próximos da paranoia, um modo de constituição subjetiva psicótica que se dá pela exclusão da dimensão da alteridade. Podemos dizer que isto decorre, dentre outros aspectos conjunturais, do movimento de colonização dos corpos presente na dinâmica capitalista atualmente (MBEMBE, 2018) e traz como efeito a construção de certezas intransponíveis, onde o que permite a dúvida e as ressignificações da vida dá lugar à fixidez de sentidos e tensionamento de conflitos sociais, em um mecanismo de funcionamento subjetivo imaginário (LACAN, 1955-56/1998) o qual abordaremos.

A partir do advento do novo coronavírus no ano de 2019 e das medidas paliativas e de prevenção impulsionadas por autoridades de todo o mundo, um novo ponto da instância real da existência impôs-se aos modos de relação social e de tecitura de sentidos entre os sujeitos. Esta conjuntura foi respondida tanto com invenções que movem o desejo em direção à construção da vida, quanto com defesas e negação da alteridade entendida como ameaça. Isto intensificou a imaginarização das dinâmicas sociais já em voga anteriormente em cenário brasileiro, o que nos move em busca de uma investigação do estatuto do Outro na contemporaneidade e das possibilidades de construções subjetivas perante a alteridade.

Tendo isso em vista, neste artigo, buscamos nos aproximar dos modos pelos quais os processos de subjetivação vêm se delineando em tempos recentes, desde certas particularidades que se colocam na relação com o Outro, e como tais processos se relacionam com o advento da pandemia do novo coronavírus. Para isso, a partir de um estudo bibliográfico, dividimos as elaborações tecidas nesta pesquisa em três momentos principais, sendo o primeiro referente ao Outro e seu aspecto de alteridade; o segundo sobre o tom paranoico do cenário social contemporâneo; e, por último, tratamos da incidência do real do vírus neste cenário. Em relação a isto, buscamos investigar algumas significações em torno da emergência do novo coronavírus que, inicialmente como um elemento paralisante ao redor de todo o mundo, trouxe, em um segundo momento, diferentes reações em meio às dinâmicas sociais vigentes..

O lugar do Outro e seu aspecto de alteridade

No interior das apresentações de pacientes promovidas por Lacan (2000), onde realizava-se a escuta das articulações com a linguagem em

fenômenos psicóticos em uma busca pelo entendimento desses processos subjetivos, este autor concebeu, ao observar o registro da fala de seus pacientes, que é precisamente este registro da experiência que cria a riqueza da fenomenologia da estrutura psicótica, sendo as produções delirantes um dos fenômenos mais complexos desse registro. Foi pela via da fala, bem como pela observação de que tanto neuróticos como psicóticos encontram-se nesse registro a seu modo próprio que, na ótica lacaniana, foi possível aclarar a intrínseca relação entre o modo de uso da linguagem e a estruturação psíquica do sujeito.

Lacan (1955-56/1988) propôs uma análise conceitual do registro da fala ao afirmar que, antes de mais nada, falar é sempre falar a outros. Nesse sentido, ele especificou que o aspecto fundamental da fala é a fundação de um funcionamento subjetivo que ocorre a partir do modo de endereçamento da mesma. O outro a quem se dirige a palavra, na obra lacaniana, é grafado com inicial maiúscula, o que é justificado por aspectos singulares desse Outro com quem se fala. Para Lacan (1955-56/1988), o valor fundador da fala está relacionado ao que é visado na mensagem e que aponta para a questão, em última instância, sobre quem é o Outro. A dimensão do Outro encontra-se presente desde que o sujeito começa a falar¹, apresentando-lhe significantes dos quais o sujeito se apropria, e guarda um aspecto de alteridade inapreensível.

Na perspectiva lacaniana, para além da dimensão da comunicação que a fala comporta, o que se encontra no centro de sua função é o valor fundador da palavra falada, uma vez que ao falar ao Outro, o sujeito se constitui. Este Outro não é passível de conhecimento, uma vez que, dentre os significantes que apresenta, não há um significante último que representa plenamente seu ser. Assim, ele porta uma incógnita inacessível ao sujeito, a partir de onde o mesmo é fundado, como uma resposta a essa questão. Por conseguinte, ao endereçar sua fala, desde um determinado lugar entre significantes perante a incógnita que o Outro é para si, torna-se possível ao sujeito constituir-se em uma dimensão relacional.

Há uma diferença fundamental entre esse Outro com inicial maiúscula (Autre, em francês), que é o Outro enquanto desconhecido – a “sede da fala” (LACAN, 1957-58/1999, p. 14), o Outro simbólico, lugar dos significantes onde se funda o sujeito e em relação ao qual não é possível alcançar um significante último, sendo marcado por uma falta, portanto, a qual aponta para seu aspecto de alteridade radical (LACAN, 1958-59/2002, p. 393) –, e o outro com a inicial minúscula (autre) – que, na obra lacaniana, consiste em uma dimensão imaginária, sendo “aquele diante de quem o sujeito se encontra como sendo sua própria imagem” (LACAN, 1957-58/1999, p. 14), onde o sujeito se reconhece e se vê, a parte do outro que serve para definir o sujeito no âmbito do sentido. Este é o “pequeno a” do espelho, o qual é a referência da relação subjetiva de modo imaginário (LACAN, 1949/1998).

Ao elaborar a experiência do espelho, Lacan (1949/1998) indica que a relação imaginária corresponde a uma conjuntura subjetiva que situa o eu como um outro, sendo uma relação dual e imediata, fundamentalmente, em que ambos tendem a se igualar e onde a incidência do diferente é perturbadora para o reconhecimento e sustentação da imagem própria. É a partir da inscrição de um terceiro termo nisto, o qual opera um corte nessa relação e circunscreve a instância real da linguagem como alteridade, que se dá a ordenação simbólica da própria subjetividade e distinção entre os termos. O terceiro termo corresponde à dimensão do Outro simbólico que, a partir de seu aspecto de alteridade, inapreensível por meio de significantes, se configura como aquele que torna possível a experiência dialética, apaziguando as relações imaginárias frente a diferença ao introduzir um elemento de mediação.

Para Lacan (1953), as instâncias do real, simbólico e imaginário são os três registros primordiais da realidade humana, constituindo premissas de

1

Lacan (1955-56/1988), indica que essa parte que fala no sujeito é uma parte desconhecida, o próprio inconsciente freudiano, sendo “[...] algo que fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não o sabe, diz sobre isso mais do que crê” (LACAN, 1955-56/1988, p. 50).

toda experiência subjetiva em sua perspectiva (LACAN, 1953; CLAVURIER, 2013). Entendemos, portanto, que a condição de sujeito, bem como os processos de subjetivação, encontram-se atrelados ao que se passa na relação com o Outro, lugar da linguagem em que se articula a fala e história subjetiva, assim como lugar definido pela cultura a partir de um modo de uso da linguagem. Este modo se configura desde a estrutura de um discurso – isto é, da alocação em uma determinada configuração dos elementos significantes e da falta, os quais possibilitam a formação de uma cadeia significativa e de modos de laço social a cada época (LACAN, 1969-70/1992). Na obra lacaniana,

[...] o Outro é aquilo diante do que vocês se fazem reconhecer. Mas vocês só podem se fazer reconhecer por ele porque ele é em primeiro lugar reconhecido. [...] É no reconhecimento que vocês o instituem, e não como um elemento puro e simples da realidade, [...] mas um absoluto irredutível da existência, do qual como sujeito depende o valor mesmo da palavra na qual vocês se fazem reconhecer. (LACAN, 1955-56/1988, p. 63).

Acerca disto, faz-se importante atentar ao momento de encontro do sujeito com esse lugar Outro no âmbito da fala. O reconhecimento do Outro – tendo o seu lugar ocupado por atores sociais, como o pai, mãe, cuidadores etc. – e sua inscrição na dimensão subjetiva permite ao sujeito ser reconhecido por ele, assumir seu enigma como questão a partir de um sentido metafórico e, assim, poder manejar uma resposta que se configura como realidade, a qual vem a responder a questão O que o Outro quer de mim?, constituindo, o próprio Outro, uma entidade faltosa.

Esclarecendo esta dinâmica da relação com o Outro, podemos observar, por exemplo, que para além da fala de um outro que se apresenta à criança, seja ele sua mãe ou pai, em um primeiro momento de constituição subjetiva, coloca-se também para ela, no interior de certas condições, uma falta que propulsiona o questionamento acerca do que o Outro quer dela. Isto é refletido, por exemplo, nos infundáveis “por ques” infantis. Aparece aí o elemento da falta que impulsiona a dimensão do sujeito e do desejo, o qual relaciona-se ao buraco de significação plena presente na dimensão da palavra e da existência.

Na estruturação subjetiva neurótica, o mecanismo da metáfora paterna constitui um modo de contornar essa instância real com a qual se confronta na relação com o Outro (LACAN, 1957-58/1999, p.163). Para Lacan, este mecanismo aponta, nos processos de subjetivação da criança, para a significação do desejo excessivo da mãe por uma instância da tradição que, no próprio lugar da mãe e ao barrar seu próprio desejo, viabiliza um corte de sua relação imaginária com a criança, introduzindo-a em uma dimensão simbólica de subjetivação, dessa forma. Esta conjuntura aponta para a inscrição de um primeiro significante nesta dimensão, o qual se trata do operador simbólico do Nome-do-pai (ou, dizendo de outra forma, sobrenome do pai), a partir do qual outros significantes podem se acumular.

Podemos dizer que o Nome-do-pai é uma marca que inscreve um lugar de alteridade na relação materna, introduzindo um enigma referente ao encontro com o Outro. Na ausência da inscrição deste operador na relação imaginária primordial, de modo contrário, ocorre o mecanismo de “forclusão”, termo introduzido por Lacan (1955-56/1988, p. 174) na psicanálise para indicar o mecanismo da estrutura psicótica de rejeição de um significante primordial. Nesse mecanismo, o operador simbólico do Nome-do-pai é expulso desse registro, o que acarreta outros modos de organização da linguagem e processos de subjetivação (LACAN, 1957-58/1999).

A conjuntura da metáfora “facilita” ou dá alguma estabilidade, se assim podemos colocar, ao reconhecimento do Outro com sua falta alojada em um nome. Do contrário, afinal, quando não há a demarcação da alteridade por um nome que suporte uma referência e mediação simbólica, o sujeito emprega recursos de outra dimensão da experiência subjetiva para a articulação do campo da linguagem. Ao falarmos do âmbito da paranoia, trata-se de recursos da dimensão imaginária. Isto torna a relação com o Outro invasiva desde a incidência da instância real proveniente deste encontro, numa relação imaginária, como é possível observar na conjuntura de funcionamento subjetivo paranoico.

A instância do real passa por diferentes concepções ao longo da obra lacaniana. Para o escopo de nosso estudo, tomaremos a concepção de real presente em dois momentos. Ao tratar do tema da repetição, Lacan (1964/1988) indica que a dimensão do real consiste naquilo que retorna sempre no mesmo lugar, sendo isto impossível de ser apreendido simbolicamente. Isto é, trata-se da pura repetição da incessante impossibilidade de se deduzir. Lacan (1964/1988) indica ser este o ponto de partida da conformação do sujeito e seu sintoma – tomaremos este termo aqui como um modo de organização dos elementos significantes da linguagem –, como resposta a essa instância. Bernard (2018) indica a esse respeito que

Passado o instante de angústia ou de espanto, o ser falante logo terá feito recobrir o advento do real pelo registro do sentido (Lacan, 2005, p. 65). [...] O sujeito constituirá para si muito rapidamente uma visão de mundo capaz de esconder essas aparições enigmáticas. (BERNARD, 2018, p. 39).

Nessa dinâmica, o real é aquilo que suporta a contínua repetição desse sentido como alguma resposta, retornando sempre como ponto irredutível. No entanto, quando este real aparece como notícia incontornável, não sendo possível a ele responder, outra faceta sua se apresenta. Lacan (1973/2003) a indica como “o que permite desatar efetivamente aquilo em que consiste o sintoma, ou seja, um nó de significantes” (p. 515). Por esse viés, trata-se da lei do desatamento que desconstrói um modo de produção de sentido. Se por um lado ele desata amarrações significantes que permitam contorná-lo como ponto irredutível, por outro, ele abre vias para invenções e fazeres distintos.

Vemos, portanto, que o lugar do Outro – lugar da linguagem onde o ser estrutura modos particulares de subjetivação –, na ausência de sua configuração simbólica e dialética, pode vir a se manifestar de modo imaginário. Lacan (1957-58/1999) sublinha que o Outro constitui um lugar como um filtro, o qual organiza e cria obstáculos no que pode ser aceito e ouvido. Assim, apenas torna-se possível criar, manejar e expressar processos de significação por meio do material e das funções presentes nesse lugar. Observando isto, buscamos entender como a relação com o Outro tem se delineado em tempos recentes, em um cenário marcado pelas incidências do capitalismo e da colonização de corpos nos laços sociais, bem como que reações são suscitadas com base nessas relações, à luz das indicações do campo da filosofia e da psicanálise.

Aproximações do cenário contemporâneo: o “tom paranoico” dos dias atuais

Na contemporaneidade, autores como Mbembe (2018) observam que o avanço do movimento de colonização dos corpos, advindo do funcionamento da estrutura atual de relações capitalistas, promovem uma apreensão objetificante do ser, produzindo restos vivos a partir daquilo que

não pode ser apreendido dessa forma. Isto aponta para a instância real dos processos de significação da estrutura capitalista, aquilo que escapa ao seus modos de simbolização, sendo tais restos vivos – a parte do sujeito que não é totalmente enquadrada nas produções de sentido nesse sistema – excluídos do mesmo.

A conjuntura deste cenário propulsiona a emergência de modos de subjetivação marcados por traços de uma dinâmica imaginária, na medida em que a ausência da inscrição e exclusão da dimensão da alteridade inerente à existência do ser falante produz afetações nas maneiras de manejar o que não funciona no âmbito da subjetividade. O impossível da vida, no cenário do capital em que a potência, a satisfação e o ultrapassamento de limites são ordens, é visto como relegado à supressão, assim como aquelas partes do ser não passíveis de serem objetificadas e consumidas.

Acerca do cenário atual, o autor Mbembe (2018) identifica na ordem liberal um explícito parentesco entre as formas contemporâneas de apropriação de recursos no âmbito dos sujeitos e a escravidão moderna e predação colonial. Ele também expõe um aspecto crucial dos dias atuais, qual se trata da escalada tecnológica que levou à emergência do capitalismo computacional. Em sua perspectiva, isto produz a possibilidade de transformação dos sujeitos em artefatos. Segundo o autor, as dinâmicas de dominação e a exploração inerentes à colonização dos corpos tomam um caráter cada vez mais abstrato e reticular, ao incidir sobre os interesses e formas de lidar com o sofrimento. Ele afirma que “nossa mente e nossa vida psíquica se transformaram em matéria prima sobre a qual o capitalismo digital busca capturar e transformar em mercadoria” (MBEMBE, 2018). Tal quadro é refletido na recente obra “O dilema das redes” (2020), que merece uma atenção mais particularizada em outro momento.

Nesse sentido, Mbembe (2018) afirma que as formas de subjetivação na contemporaneidade não são mais as mesmas que no final do século XX. Para ele, o enredamento completo entre o humano e o tecnológico transformou profundamente as maneiras com a qual o processo cognitivo se dá, o modo como as pessoas sonham e com o que elas sonham. A partir disso, Mbembe (2018) indica que é notável a mudança aparente da política da razão para a política da experiência nos dias atuais. Em suas palavras, “a experiência pessoal se transformou na nova maneira de se estar em casa no mundo” (MBEMBE, 2018), de forma a superar o âmbito da razão.

Somos levados a acreditar que a sensibilidade, emoções, afetos, percepções e sentimentos são a matéria real que forma a subjetividade, e, portanto, a agência radical. Paradoxalmente, no tom paranoico dos nossos tempos, essa percepção está afinada com as estruturas dominantes do individualismo neoliberal (MBEMBE, 2018).

Ao falar sobre uma política da razão em contraposição a uma política da experiência, associamos a colocação de Mbembe (2018) às formulações lacanianas acerca do modo de relação mediado pelo âmbito simbólico e o funcionamento da relação imaginária em meio social, como vimos anteriormente. Mbembe (2018) indica uma íntima relação entre a política da experiência e o “tom paranoico” de nossos tempos. Buscamos utilizar esta expressão do autor para tratar do cenário contemporâneo, pois ela nos parece apreender, de modo efetivo, os efeitos de uma ordem liberal indicada por ele sobre alguns modos de relação social atuais descritos como paranoicos, perspectiva apresentada também por alguns psicanalistas.

Nas estruturas subjetivas marcadas por traços paranoicos, o modo de uso da linguagem constitui uma operação que se inscreve de forma diversa ao funcionamento neurótico, marcado pela metáfora paterna, como vimos.

Neste, a instância real da existência é contornada pela referência do Nome-do-pai, o qual inscreve a falta e o âmbito da alteridade na realidade e propuliona uma mediação simbólica na significação dos acontecimentos da vida. Por uma via diversa, no funcionamento subjetivo de tom paranoico, este recurso simbólico não está presente. Dessa forma, o contorno da dimensão da alteridade no encontro com o Outro não ocorre, vindo a instância real proveniente desse encontro a se manifestar de forma invasiva para o sujeito, nas relações imaginárias em que se encontra inserido.

A disposição da linguagem, de modo paranoico, apresenta a construção do mecanismo do delírio – ou seja, uma construção em âmbito imaginário – como uma tentativa de referenciar modos de significação da alteridade, o que pode ser alcançado por uma metáfora delirante. Esta consiste em um modo de suplência ao Nome-do-pai ausente por meio de um termo imagético que exerça função análoga (LACAN, 1955-56/1988, p. 584). O manejo da linguagem na paranoia se mantém fechado a signos que aparecem desde a dimensão do real que se impõe, como cartas fechadas, que indicam a certeza imaginária à qual o sujeito mantém-se fixado, em sua tentativa de construções subjetivas em torno do buraco de um significado para o que emerge como não-sentido em sua experiência.

Esse modo de funcionamento psíquico mantém o sujeito em uma relação dual e imediata referente ao outro em âmbito social, em uma conjuntura imaginária em que ambos se confundem como iguais e onde ocorre a busca de um espaço seguro perante a alteridade, que se apresenta como elemento ameaçador à própria existência. Vieira (2019) relaciona o tom paranóico de nossos tempos ao abalo sofrido pelo falocentrismo – isto é, pelo Outro marcado pela metáfora paterna – que outrora se impunha como hegemônico na divisão e subjetivação das relações sociais, as quais são observadas como instáveis desde esse abalo. Por este entendimento, a onda violenta e reacionária de grupos sociais que emergem como vitimizados por uma ameaça encontra, na exigência reacionária, um modo de tentativa de restauração da ordem fálica pela reivindicação de uma posição de potência. “Nesse caso, as identidades e suas novas composições precisarão contar com contratos e acordos para coexistirem e para definirem consensos ou hegemonias, pois fundam uniões mais instáveis que estáveis” (VIEIRA, 2019).

É nesse contexto que identificamos a eclosão de uma conjuntura imaginária que abre espaço para a emergência de mecanismos paranoides. Vieira (2019) ressalta, acerca do que podemos chamar de imaginarização da relação com o outro, de tom paranoico, na qual se instala a diferença como elemento eliminável, que

Diz-se que se trata de uma recusa da diferença. [Ainda] é dizer pouco, pois seria preciso dizer qual diferença é recusada. Melhor afirmar que é uma recusa de tudo o que não for inteligível, tudo o que é não-lugar, que é sem utilidade direta. Não se trata de excluir alguém, de jogá-lo no lixo de um regime universal, de um “Nós, o Todo, menos ele”. Trata-se mais de um “Tudo o que não seja nós, não existe”. Nesse sentido, não é uma recusa, mas uma decisão de eliminação, de extermínio (VIEIRA, 2019).

É com base nisto que se pode ponderar os mecanismos produtores das expressões violentas de massa extremistas, na conjuntura em que esta se forma diante do inteligível que, tomado como ameaça, persegue o sujeito. Isto abre espaço às culturas, marcadas por um aspecto radical, do “cancelamento”, da “branquitude”, da “negritude” e mesmo do “perigo amarelo” sobre o ocidente. Isto é, culturas fundamentalistas que, na busca pela afirmação e segurança próprias, tendem à eliminação daquilo que lhes aparece como ameaçador, o que merece maior atenção em um outro momento.

Mbembe (2018) afirma que o político não pode ser reduzido ao meticuloso gerenciamento de espaços emocionalmente seguros, mas está relacionado à ideia de “uma abertura radical do e para o mundo, um alargamento do mundo em oposição ao isolamento” (MBEMBE, 2018). Isto visa a superação da perspectiva do projeto neoliberal, onde aqueles, cuja a mera existência não parece necessária e aqueles cuja existência ou proximidade é considerada a representação de uma ameaça física ou biológica, podem ser descartados. Mbembe (2018) explica que o projeto consiste em tornar supérfluo o maior número de pessoas possível, em uma dimensão de significação utilitária, sendo a novidade a produção em escala massiva de corpos descontáveis, uma humanidade residual. Consolida-se, assim, uma economia que torna desnecessária a presença de todos nós como sujeitos, mas apenas de alguns de nós como corpos.

Na contemporaneidade, segundo Mbembe (2018), está implícita a ideia de que o mundo é uma questão de números e que a tarefa do conhecimento consiste em lidar com quantidades. Para ele, há uma crescente crença de que a melhor maneira de gerir a informação é por meio dos computadores, sendo o que for além do armazenamento de dados algo inexistente. Identificamos neste para além do âmbito dos dados aquilo que não pode ser apreendido no âmbito simbólico e que Lacan (2005) situou na dimensão do real.

A conjuntura do cenário capitalista descrita por Mbembe (2018) deixa entrever a desmontagem da referência paterna, na medida em que o advento da alteridade nesse cenário é excluído pela promoção de uma promessa ilusória de completude por meio do consumo. Desse modo, a instância do real não se encontra inscrita pela metáfora paterna como falta, mas se impõe continuamente de modo avassalador, de modo não circunscrito. Promover um sentido à vida e à possibilidade da dialética no meio social aponta, igualmente, para um alojamento, em algum espaço, do ponto irreduzível de significação que a vida comporta, de modo diverso à sua exclusão. No entanto, tendo em vista o tom paranoico dos modos de subjetivação de nossos tempos, outras formas de lidar com o real com o qual o ser é confrontado se consolidam.

Sobre a incidência do real do vírus na conjuntura social contemporânea

No cenário contemporâneo, a relação do sujeito com o âmbito da palavra e suas possibilidades de significação da alteridade tomam o primeiro plano de nossa atenção. O advento da pandemia trouxe a imposição do real do vírus no âmbito social de modo intenso. Após um primeiro momento de perplexidade diante disto e a partir da configuração social de tom paranoico crescente em que as relações vinham se estabelecendo anteriormente, o real como buraco da significação e sob a condição de exclusão na dinâmica paranoica transformou-se, de tal ponto irreduzível, a um sinal de invasão, ameaça ou controle daquele que aparece como diferente a determinado grupo social, sendo a alteridade imaginizada, por exemplo, como o “perigo amarelo” do país comunista, onde supôs-se que o vírus emergiu inicialmente em um mercado de peixes.

Tal negação da alteridade e imaginarização de seu efeito como sinal da invasão do outro fomenta modos de relação social marcados pelas expressões de violência diante daquilo que se apresenta como irresoluto, de modo diverso às invenções, deslocamentos e ressignificações possíveis a partir da dimensão simbólica da linguagem. Sob o recurso hegemônico da instância imaginária desta e estando a alteridade excluída, a resposta subjetiva frente a experiência do novo tende a ganhar o aspecto da certeza delirante, imutável, onde o movimento dialético e ambíguo da dimensão

simbólica não encontra espaço propício, sendo a certeza delirante a continuação do afeto da perplexidade diante do real por outras vias.

Acerca do contexto da pandemia, o que Vieira (2020) enfatiza acerca da noção do vírus como um agente independente e mortífero, mas previsível de determinada forma, abala as aproximações habituais do real de outrora. O real do vírus, segundo ele, trata-se não de um real sem lei, mas com lei, o que diverge da instância real como o inesperado, como uma tsunami ou uma catástrofe aleatória. Vieira (2020) afirma que, até o aparecimento do vírus, estavam consolidados alguns modos coletivos de lidar com um real sem lei com o qual se depara na vida, modos de “fazer face ao absurdo da vida”. Ele expõe que “[...] compunha-se Um mundo pelo sentido religioso, pela ordem da tradição patriarcal ou, ainda, na paranoia, que localiza e define um outro como raiz de todos os males” (VIEIRA, 2020).

Em um primeiro momento da pandemia, um momento de total ausência do Outro, tudo parecia diferente pelo próprio fator viral. No entanto, em tempos recentes, com o aparecimento de conjecturas e significações diversas no senso comum e no próprio âmbito científico, o qual aponta para diversos esforços empreendidos na busca por soluções em diferentes níveis para responder ao vírus – como os investimentos em vacinas e em pesquisas acerca de medicamentos que demonstrem alguma eficácia na inibição do mesmo –, o modo de fazer face ao vírus desde mecanismos subjetivos com algum tom paranoico parece novamente tomar breves impulsos, na medida em que tais esforços e hipóteses do senso comum são tomadas como respostas absolutas ao fator viral por algumas parcelas do meio social, cujas possibilidades de diálogo acerca de perspectivas diversas são evitadas.

No âmbito das subjetivações de tom paranoico na atualidade, as constantes orientações recentemente impostas à população, no nível de medidas de massa para a prevenção do coronavírus, são passíveis de serem remetidas por alguns grupos, mais facilmente, à perspectiva de que o outro, causa do real que se apresenta na atualidade e provoca novos modos de socialização, deseja impactar e invadir o espaço habitual e conhecido de entendimento da existência, como uma ameaça, por estar a paranoia envolvida em um conflito com a alteridade. Não buscamos, aqui, discutir acerca da validade das medidas apontadas, mas tecer pontuações acerca dos modos de subjetivação que vem se delineando ao redor do impasse que o novo coronavírus apresenta, os quais datam de transformações no cenário contemporâneo desde um momento anterior à incidência do vírus.

Dunker (2020) indica que em um ambiente onde não há experiências anteriores sobre um assunto, ou quando as experiências anteriores levam à desconfiança para com outros, quando se encontra presente diante de uma nova linguagem e a experiência da escuta e da fala distanciam-se brutalmente da experiência própria vivida, estes fatores levam a uma sobrevalorização dos eventos inesperados e a uma intensificação do sentido, na instância imaginária. Tais condições, segundo o autor, levam à criação de uma atmosfera paranoica, “cheia de conspirações e intencionalidades perversas nas quais desconfiar dos outros é uma atitude preventiva razoável” (DUNKER, 2020). Segundo este autor, o âmbito da atmosfera paranoica aponta para um ambiente onde presentifica-se uma nova forma de linguagem que produz uma disparidade entre o que um percebe e sua crença de que aquilo é diferente do que de fato acontece, não havendo uma referência simbólica comum para subjetivar o novo, o que abre espaço para a criação de explicações imaginárias com grande disparidade da própria realidade comum. O aparecimento da pandemia do novo coronavírus, segundo Dunker (2020), configura-se como um bom exemplo das condições disto.

Os movimentos de tom paranoico promovem alguma saída para a angústia do encontro com a instância real da existência ao localizarem o

campo do não sentido a um outro no âmbito social, já que, no encontro com a certeza de um real mortífero sem localização e indefinido, como indica Vieira (2020), a possibilidade de dar-lhe algum sentido é um fator apaziguador. Conforme Vieira (2020) aponta, a rua vazia no início da pandemia era o “deserto do Outro”². No entanto, nos atuais encaminhamentos da pandemia no Brasil, podemos afirmar que as ruas já não estão tão mais vazias assim. Estão até bem cheias, de pessoas e de sentidos, infundáveis e absolutos, para aquele que represente algum impedimento ao sujeito paranoico, para quem algum desejo e invasão, imputado ao outro manipulador, é acreditado. Nesse momento em que a ciência recobrou sua importância no âmbito dos destinos da vida na Terra, também ela volta a ser, agora de um modo mais ativo, localizada como origem dos mais diversos receios de destruição da sociedade ou mesmo esperanças de salvação por parte daqueles que tomam este outro de modo invasivo ou absolutamente determinante.

Um lugar para o que não funciona a partir da perspectiva psicanalítica

Desde suas primeiras formulações no campo da psicanálise, Lacan (2005) indica que este campo ocupa-se daquilo que não funciona. Ou seja, que não pode ser apreendido na racionalidade de uma época. Ao ocupar-se da instância do real, a psicanálise, observando a insistência irrepresentável com a qual a mesma se impõe à vida, visa a tarefa de suportar a construção de bordas para este impossível. Reintroduzir contornos simbólicos ou invenções quanto ao real em um enlace fundamental do qual a constituição do sujeito depende, entrelaçado ao imaginário, de modo a suportar a dimensão da alteridade inerente à existência, é o campo em que a psicanálise, conforme Lacan (1974/1980) pontuou, pode se articular. A inscrição da alteridade no lugar da linguagem traz como possibilidades, ao indicar a falta presente nesse lugar, os processos de ressignificação da realidade e deslocamentos de questões e conflitos entre sujeitos. Tais movimentos propulsionam a emergência de um sujeito desejante nas construções de sua vida, como uma possível declinação da angústia e um saber fazer com isto que não funciona, com a instância real.

Conforme vimos pontuando ao longo deste material, faz-se importante, a cada época, buscar entender como se configura o uso da linguagem e a relação com o Outro que propulsiona a construção de uma realidade, isto é, que modos de lidar com a alteridade é possível em cada cenário, os quais propulsionam determinadas formas de subjetivação. A configuração do uso da linguagem parte de um âmbito de relações significantes iniciadas no meio social em que o ser falante se insere. A partir de tais relações, ao sujeito torna-se possível a experiência de apropriar-se de significações e compartilhá-las em um discurso típico mais amplo, quando a este meio social e ao discurso aí presente existe um referencial simbólico compartilhado em maior escala. Nesse sentido, a relação com o Outro é marcada por um significante primordial, o operador paterno, o qual aloja a dimensão real da existência como alteridade e inscreve a falta no âmbito das relações imaginárias, promovendo assim o apaziguamento de tais relações frente a incompletude de sentido da existência que se apresenta aos sujeitos.

Faz-se importante sublinhar que o confronto com a falta nas relações significantes aponta para o desejo do Outro, a partir do qual torna-se possível a elaboração do próprio desejo, que impulsiona a vida e as construções realizadas nesta. Vieira (2020) ressalta que “não há desejo de alguém sem o do Outro”, o qual comporta a dimensão da falta. A instituição de uma metáfora no lugar do Outro permite contornar a instância real desse modo, tornando-se possível o movimento dialético nas relações sociais. O

2

Em uma referência à obra de Slavoj Žižek (2003), “Deserto do real”.

alojamento desta instância em algum ponto da dimensão da linguagem torna as experiências da finitude, da violência, da morte, da diferença, do não-sentido, do não-todo, suportáveis e contornáveis subjetivamente, de algum modo, nas experiências cotidianas. Nos pensamentos finais presentes na obra lacaniana, este autor, ao primar pelas observações da instância real, buscou pluralizar e relativizar o referencial simbólico do Nome-do-pai, ao apontar para a multiplicidade de possíveis nomes-do-pai como possibilidades de contornar o real da existência. Para além, mesmo na ausência de um operador simbólico, ele igualmente buscou apontar para modos inéditos de uso da linguagem por meio do real, em vivências do não-todo, nos quais as construções psicóticas ou invenções se fazem por vias de arranjos com o corpo e objetos que delimitam aquela instância, como nas invenções esquizofrênicas.

Em tempos recentes, com base na conjuntura do cenário capitalista e de colonização dos corpos, a operação da metáfora paterna na dimensão do Outro sofreu um abalo, como abordado, sob a condição de possibilidades cada vez mais escassas de alojamento em um lugar para o elemento da alteridade. Isto é, o uso da linguagem no cenário cotidiano parece promover a atribuição de sentidos imaginários e irreversíveis ao que é diferente, nos quais aquilo que não se encaixa é suprimido. Nesse sentido, o recurso a um operador simbólico que permita a metaforização de sentidos frente o real da existência finita torna-se precário, estando o elemento da alteridade, nesse cenário, relegado à inexistência. Tudo aquilo que não funciona na racionalidade contemporânea, tende a não existir. Isto porque, nas possibilidades escassas de estabelecimento de uma dialética, o Outro, não marcado pela falta, é concebido como alguém ameaçador. Nessa relação, não há contorno da alteridade, mas eliminação da diferença.

O advento da pandemia trouxe novamente, de modo intenso, o encontro com a instância real inerente à vida. Um primeiro momento de perplexidade logo foi seguido das primeiras tentativas de significação e enfrentamento deste real. Se as medidas de prevenção e tratamento, inicialmente, devolveram à ciência um lugar de destaque e organização das relações, em um momento posterior, no cenário atual, novamente se depara com divisão de grupos cujas diferenças são sinais de ameaças entre os mesmos. Sob a conjuntura da tendência à negação do real, os grupos de semelhantes reúnem-se frente a diferença como um obstáculo ou sinal de violência. Acerca desse cenário, acreditamos ser necessário nos atentarmos a propulsionar contornos à instância do real no momento que vivemos, de modo que, por meio de invenções que o levem em consideração e promovam o movimento desejante de continuação da vida de algum modo, seja possível o suporte de soluções coletivas, de diversos. De modo diferente ao funcionamento imaginário das massas, onde o diferente é extinto, ponderamos ser necessário criar condições para um movimento dialético que possibilite a emergência das singularidades em âmbito coletivo.

Sobre o contexto da pandemia e dos movimentos imaginários que aí se seguem nas relações sociais, Dunker (2020) ressalta que a própria expectativa dos efeitos ameaçadores, dos efeitos das medidas advindas da incidência do vírus, traz as condições de sua realização. “Nosso discernimento trai nossas expectativas, e nossas expectativas traem nossa experiência. Aquilo que projetamos quanto ao futuro nos revela muito sobre a natureza do mundo em que vivemos e sobre nosso próprio passado” (DUNKER, 2020). Segundo este autor, faz-se importante problematizar a própria elaboração de expectativas, bem como apurar a apreensão sobre a história de um determinado processo. Isto é, voltar nosso olhar às próprias condições de estruturação deste cenário e das vivências que aí incorrem, nas quais torna-se importante tomar em conta a instância real que insiste nos processos de subjetivação no lugar do Outro. Isto proporciona condições para a emergência do desejo que, conforme sublinha Vieira

(2020), propuliona uma abertura a este mundo, a qual propicia a política do inconsciente com seu papel coletivo, visto que o sujeito constitui-se a partir do Outro.

Tal abertura e alojamento do real tem um preço subjetivo elevado, da falta de garantias e de sentidos fixos frente a realidade. Sendo o real irredutível, sua incidência traz, constantemente, a problemática acerca de como elaborar significações para a alteridade e o desejo. Trata-se de uma necessidade de construção de elaborações e invenções constante. No entanto, se este preço por implicar-se e advir como sujeito desejante na vida se faz alto em âmbito subjetivo, não o é diante das insurgências ásperas do real de modo não contornado e sem possibilidades de deslocamento.

Sobre o artigo

Recebido: 11/06/2022

Aceito: 22/07/2022

Referências bibliográficas

BERNARD, D. Pelo real. **Stylus - Revista de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n.37, p. 37-41, 2018.

CLAVURIER, V. Real, simbólico e imaginário: da referência ao nó. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n.39, p. 125-36, 2013.

DUNKER, C. **Chegada do coronavírus ao Brasil mostra como é fácil sermos manipulados**. Blog do Dunker, 2020. Disponível em: <<https://blogdodunker.blogosfera.uol.com.br/2020/02/28/chegada-do-coronavirus-ao-brasil-mostra-como-e-facil-sermos-manipulados/>>. Acesso em: 6 jun. 2020.

LACAN, J. (1974) La tercera. In: **Actas de La escuela freudiana de Paris**. Barcelona: Ediciones Petrel, 1980, p. 159-86.

LACAN, J. (1949) O estádio do espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 96-104.

LACAN, J. (1955-56) **O seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. (1957-58) **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. (1958-59) **O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação**. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.

LACAN, J. (1964) **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. (1969-70) **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. **O simbólico, o imaginário e o real: Conferencia del 8 de julho 1953 na Sociedade francesa de Psicanálise**. Biblioteca J. Lacan. Disponível em: <<https://psicoanalysis.org/lacan/rsi-53.htm>>. Acesso em 27 fev. 2021.

LACAN, J. **O triunfo da religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. (1973) Televisão. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 508-44.

LACAN, J. Uma psicose lacaniana: entrevista conduzida por Jacques Lacan. **Opção lacaniana - Revista brasileira internacional de psicanálise**, n.26/27, São Paulo, p. 5-16, 2000.

MBEMBE, A. Outras **fitas: descolonização, necropolítica e o futuro do mundo**. A fita, 2018. Disponível em: <afita.com.br/outras-fitas-descolonizacao-necropolitica-e-o-futuro-do-mundo-com-achille-mbembe/>. Acesso em: 01 out. 2020.

O DILEMA DAS REDES. Direção de Jeff Orlowski. Produção de Larissa Rhodes. Estados Unidos da América: Netflix, 2020.

VIEIRA, M. A. **Sobre o falocentrismo (ou notas de psicanálise, sexo e política)**. Blog de La asociación mundial de Psicoanálisis, 2019. Disponível em: <<https://uqbarwapol.com/sobre-o-falocentrismo-ou-notas-de-psicanalise-sexo-e-politica-primeira-parte-marcus-andre-vieira-ebp/>>. Acesso em 17 out. 2020.

VIEIRA, M. A. **Notas sobre o desejo e o isolamento**. Correio Express, 2020. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/18/notas-sobre-o-desejo-e-o-isolamento/>. Acesso em 24 set. 2020.

ZIZEK, S. **Deserto do real**. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.